



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 9 | 2024

Cinema (no) Feminino

À conversa com a artista plástica Filipa Venâncio: como o imaginário constrói a pintura... também pinta...

Guida MENDES & Teresa NORTON DIAS

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: [10.34640/ct9uma2024mendesnortondias](https://doi.org/10.34640/ct9uma2024mendesnortondias)

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Mendes, G. & Norton-Dias, T. (2024). À conversa com a artista plástica Filipa Venâncio: como o imaginário constrói a pintura... também pinta... . *Cinema & Território*, (9), 183-188. <http://doi.org/10.34640/ct9uma2024mendesnortondias>

18 de novembro de 2024



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

À conversa com a artista plástica Filipa Venâncio¹: como o imaginário constrói a pintura...

Guida MENDES

Universidade da Madeira
CIE-UMa
grmendes@staff.uma.pt

Teresa NORTON DIAS

Universidade da Madeira-UMa
CRIA-NOVA FCSH / IN2PAST
teresa.dias@staff.uma.pt

Filipa Venâncio é natural do Funchal (24.01.1965), onde reside e trabalha. É licenciada em Artes Plásticas/Pintura, pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (ISAPM), atualmente integrado na Universidade da Madeira (UMa). Desde cedo que concilia o exercício da docência com uma prática artística regular. Com vínculo profissional à Escola Secundária Francisco Franco, foi, também, Assistente Convidada dos Departamentos de Arte e Design e de Ciências da Educação da UMa, entre 2002 e 2006; coordenou a Galeria de Arte Francisco Franco entre, 2014 e 2019, e é autora de inúmeros textos que integram várias publicações científicas sobre o seu trabalho e o de outros artistas. Expõe regularmente desde 1987 e está representada em vários museus da ilha da Madeira, edifícios municipais e do Governo Regional da Madeira e, ainda, em coleções privadas em Portugal, Espanha, Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos da América.

No exercício da pintura recorre, frequentemente, a projetos que problematizam uma certa ideia de espaço e lugar, onde a casa e as volumetrias arquitetónicas são protagonistas, através da construção de conjuntos pictóricos sequenciais, com ou sem pendor narrativo. Este aspeto pode ser observado nas suas exposições individuais mais recentes: *A Sala da Senhora – Take 2*, Quinta Magnólia – Centro Cultural, Funchal, 2024; *A Sala da Senhora*, Palácio de São Lourenço, Funchal, 2023; *Casa da Capela*, Capela da Boa Viagem, Funchal, 2021; *Playground*, Galeria Marca de Água, Funchal, 2019; *A Fábrica do Açúcar de Filipa Venâncio – Testemunhos de uma indústria*, Museu de Arte Sacra do Funchal, 2018; *Estilo Maison*, Sala da Delegação da Ordem dos Arquitetos da Madeira, Funchal, 2015; *O Lugar dos Prazeres*, Galeria dos Prazeres, Prazeres, 2012; *Andar Modelo*, Museu de Arte Contemporânea, Funchal, 2009; *A Fábrica do Açúcar*, Galeria da Quinta Palmeira, Funchal, 2008 e *Presépio a 150 metros*, Casa das Mudanças, Calheta, 2007.

Desde 2019, que desempenha funções técnico-pedagógicas nos Serviços Educativos da Quinta Magnólia-Centro Cultural, no Funchal, espaço em que apresenta, à altura desta entrevista, a exposição *A Sala da Senhora – Take 2*, uma variante da exposição apresentada em 2023 no Palácio de São Lourenço, em que as alusões ao cinema a que faz referência na pintura podem ser visualizadas através da projeção de excertos dos filmes que a inspiraram, na primeira sala, e onde a fomos encontrar para conversar.

A sua primeira exposição individual foi em 1990, ainda durante a licenciatura que, à época, tinha uma duração de cinco anos. A exposição intitulou-se *Exposição* e teve lugar na Galeria do Turismo, na cidade do Funchal. Os trabalhos expostos tinham a ver com

¹ Entrevista realizada a 12 de abril de 2024 nas instalações da Quinta Magnólia-Centro Cultural, no Funchal.

espaços interiores, mobiliário representado à escala (de que fazia parte uma cómoda com gavetas abertas, como recorda Guida Mendes) e, também, trabalhos em *patchwork*, deixando antever o que vinha a seguir. Desde sempre que se interessa pela representação de objetos e da Casa, enquanto elemento volumétrico e arquétipo.

Começámos por perguntar (Guida Mendes (GM) e Teresa Norton Dias (TND)): **Qual é a temática da sua preferência? O que gosta de pintar, onde gosta de pintar, como gosta de pintar?** Ao que respondeu: Casas, em casa, sozinha e em silêncio.

Criativamente inquieta, Filipa Venâncio gosta de pintar várias telas em simultâneo, que são, normalmente, séries sequenciais. Raramente pinta de forma isolada, a não ser que lhe seja solicitado, ou como aconteceu, refere, com a pintura de um camião Bedford cheio de canas-de-açúcar, desenvolvida em residência artística, num par de meses, para uma exposição no Museu de Arte Sacra, no Funchal, em 2018. Neste caso, por forma a trazer um elemento novo para uma exposição que seria reposta uma década depois - A Fábrica do Açúcar.

Filipa Venâncio, na primeira pessoa. A Casa desde sempre foi o meu assunto, o meu território. Mas os meus primeiros trabalhos de pintura eram coisas muito abstratizantes; eram umas pinturas grandes, uma espécie de muros; eu vejo agora alguns trabalhos da Ana Vidigal, bem recentes, que me fazem lembrar os meus trabalhos dessa época, que eram quadrados: pareciam écrans, muros – arquiteturas... podia ser..., mas eram umas coisas um pouco vagas, ou seja, não eram figurativos do ponto de vista do reconhecimento dos objetos, se bem que podiam ser figurativos no sentido de serem uma representação aproximada de um muro, ou de uma manta de retalhos, mas não tinham essa intenção deliberada. Depois, há um trabalho que foi marcante. [Na altura], a Professora de Pintura, Isabel Santa Clara, pediu-nos para recriarmos uma peça de um museu à escolha. Eu optei pela obra “S. Jorge e o Dragão”, uma pintura do séc. XV, do Museu de Arte Sacra e decidi fazer uma inversão de papéis: pintei o meu dragão de cor-de-rosa, uma espécie de insuflável com um remendo e o S. Jorge, a cavalo com uma armadura, tapando o rosto. Recordo, que nessa altura, nas diferentes cadeiras [na Licenciatura], o meu interesse era sempre o mesmo. Nessa época, andava muito interessada em fazer coisas com tecidos. Na cadeira de Fotografia, registei por todos os ângulos os interiores e pormenores da “Casa Rebelo”, que era uma emblemática loja de tecidos no Funchal; em Cerâmica fiz tecidos e camas, a simular *patchworks* (dessas cerâmicas, uma peça, que foi para uma exposição em Lisboa, veio partida: era um colchão com uma coberta toda vidrada e voltou com o colchão separado da colcha), (risos). Em Desenho tive a sorte de ter como professor o arquiteto Marcelo Costa, que nos dava toda a liberdade para fazermos o que quiséssemos. Lembro que um dos trabalhos de Desenho foi um objeto tridimensional, um balão construído com tecidos e linhas: era para usar linhas e eu usei literalmente linhas. Estava sempre a fazer coisas com tecidos. E, em Pintura, depois de pintar esse dragão como se fosse um balão com um remendo, fiz uma simplificação costurada desse trabalho em *patchwork*, retirando o dragão e o S. Jorge, ficando só a paisagem e o castelo. Mais tarde, então passei para a construção [de ambientes interiores] e para a representação de objetos do quotidiano, mais ou menos à escala.

Atualmente, sou atraída por volumetrias arquitetónicas invulgares, irregulares, complicadas, casas com anexos e recantos. Também me interessam interiores sofisticados como os do Palácio [de S. Lourenço], ou lugares que já não existem, ou até mesmo inacabados. Mas, também podem ser lugares e espaços que vi em filmes ou casas que vejo quando vou a conduzir. Outras vezes as apropriações passam pela

literatura. Também, e cada vez mais, vou buscar soluções ao meu próprio trabalho, que vai me dizendo o que vou fazer a seguir.
Feito o introito à sua obra, continuámos a conversar.

GM/TND - Quando é que se iniciou, na sua produção artística, a ligação entre o Cinema e a sua Pintura?

FV - Bem, numa exposição coletiva nos anos 90, na Galeria do Turismo, já havia uma certa intencionalidade de proceder a uma espécie de *travelling*: fiz uma pintura que continha uma porta entreaberta, por onde se vislumbrava o rabo de um gato e ao fundo havia um móvel com um rádio e havia outra tela com o móvel mais aproximado. Essa ideia de jogar com diferentes planos e aproximações, numa linguagem próxima ao Cinema, já vem daí, algo de que só me apercebi mais tarde.

Em 1994, regressa à mesma galeria para uma exposição em parceria com o colega José Manuel Gomes, escultor, denominada *Habitáculos*. Aqui, houve mesmo a intenção deliberada de proceder à construção de uma narrativa circular, um *travelling* redondo, diz Filipa Venâncio. A exposição era constituída por telas muito pequenas (16cm x 16cm): a primeira tela representava parcialmente a casa onde morava (com rés do chão, primeiro andar e sótão), na seguinte havia uma aproximação à porta da casa, a seguir um plano de pormenor com a maçaneta e o buraco da fechadura e depois, um certo devaneio pelo interior e pela própria sala de exposição, acabando na última tela com a representação da primeira casa no reflexo da jante do seu carro, à época um Volkswagen Carocha – é como se puxássemos um fio e os momentos fossem surgindo em sequência real. Filipa não esconde a influência de outros artistas na sua obra, lembrando que aqui havia já referência e citações de trabalhos de outros artistas. Por exemplo, numa das pinturas aparece representada uma tabuinha da Lígia Gontardo e noutra uma aguarela do Eduardo Freitas. Algumas das esculturas de José Manuel Gomes, também são referenciadas e outras das suas próprias pinturas aparecem representadas dentro da pintura, aspeto que também lhe interessa explorar, a ideia de Gabinete de Amador. Para isso contribui também a literatura e a escrita de George Perec, por exemplo. Também, em 2007, a exposição intitulada *Presépio a 150 metros* na Casa das Mudanças, “funcionava como um *road movie*”, nas palavras de Luís Rocha, no Diário de Notícias (DN), sobre a exposição que fazia uma espécie de *travelling* desde o Funchal até a Calheta, pela estrada antiga, onde aparecem representadas nas muitas telas, casas, carros, objetos e pessoas.

GM/TND - Como espetadora, como se posiciona na relação com o Cinema? Que realizadores escolhe e por que motivo?

FV - Interessa-me muito o cinema de autor, da década de 60, 70, Godard, Resnais... e também Hitchcock, Bunuel, dois dos realizadores referenciados neste último projeto e outros que estou sempre a descobrir também na atualidade, como Luca Guadagnino ou Joanna Hogg, para dar um par de exemplos.

A artista referiu que, cada vez mais, se apercebe de que muito do seu interesse em determinados filmes passa pela escolha dos lugares e *décors* onde eles acontecem, a presença da casa no cinema; a casa vista de fora ou através de planos interiores. Para a exploração e apropriação de lugares do cinema na pintura, coleciona inúmeros ficheiros digitais com referências, a que recorre frequentemente, e acredita ainda virem a ser úteis em produções artísticas futuras. Afirmar ter sido influenciada pelo seu próprio gosto pela

arquitetura e pelo cinema, que foram despertados desde cedo na adolescência. Recordo um momento decisivo, ainda estudante de 9º ano no Colégio da Apresentação de Maria, a ida da sua turma a ver o filme *O Meu Tio*, de Jaque Tati, pela mão de uma professora da disciplina de Saúde. Considero, que esse momento improvável, foi decisivo para a sua escolha pelas artes, desencadeando o interesse pela arquitetura, pelo cinema e mais tarde pela pintura. A dualidade de ambientes expressa nesse filme sempre foi algo que a apaixonou (o velho e o novo, o antigo e o atual). Posteriormente, seguiu Artes na Escola Francisco Franco (área E, na altura) convencida de que ia seguir arquitetura. Afinal, a arquitetura veio a manifestar-se, mas através da pintura.

GM/TND - De que forma pensa o *frame* e de que maneira o traz para a tela?

FV - Depende muito da situação e do que pretendo fazer com ele. Por exemplo, na preparação desta exposição, no Palácio [de S. Lourenço], no ano passado, numa das salas em que reuni com a responsável pela área museológica, Margarida Camacho, vi numa vitrine vários indicadores de lugar do palácio, idênticos ao que [a personagem da governanta do filme *I Am Love* (2009), de Luca Guadagnino], tem na mão que são “maquetas” das mesas com a identificação do lugar em que cada convidado(a) se senta (tela exposta em *A Sala da Senhora – Take 2*, lugar onde decorreu a entrevista).

A escolha de *frames* específicos neste filme, por exemplo, tem a ver só com isso – da sua deslocação para a tela de *A Sala da Senhora* (Venâncio, 2023), ainda que alterada com objetos do palácio desviados para esse mesmo espaço. Na exposição no Palácio de S. Lourenço, por solicitação da artista, essas “maquetas” ficaram colocadas perto do lugar onde as pinturas com essa referência se encontravam expostas, por forma a fazer a ligação entre a realidade observada e a realidade por si recriada.

À questão por nós colocada: **Fale-nos um pouco sobre as duas exposições (*Casa da Capela*, 2021; *A Sala da Senhora*, 2023) em que faz a ponte entre a “tela” (de Cinema) e a “tela” (de Pintura) - de uma forma mais assumida e com essa mesma intenção**, Venâncio esclareceu que, pela primeira vez, na *Casa da Capela* (2021) e depois em *A Sala da Senhora* (2023) convoca e desloca, claramente, ambientes e objetos de determinados filmes para a sua pintura.

Na descrição da observação, que fez do espaço explorado em ambos os projetos, Venâncio revelou o paralelismo que começou a estabelecer entre o espaço físico em que iria expor e lugares similares visionados em filmes, a que acresce o facto de Filipa Venâncio, nestas duas exposições, tirar partido de espaços não convencionais para expor (neste caso, a Capela da Boa Viagem e o Palácio de S. Lourenço, no Funchal-Madeira).

Em *Casa da Capela*, salientamos a importância das portas abertas com visão para além do espaço retratado em primeiro plano, que estimulam não só a curiosidade além do espaço visível, como mantêm a ideia de *travelling*, já mencionada no seu processo criativo. De facto, insiste, que neste caso o devaneio foi desencadeado pelas portas interiores da capela, que foram os elementos, que fizeram disparar todo o enredo... Depois, lembrou-se de uma certa porta da Vila Albergoni, um dos *sets* do filme *Call Me By Your Name* (2017), de Luca Guadagnino, muito idêntica à porta situada num plano elevado na Capela da Boa Viagem, lugar da exposição no Funchal e, pensou logo, que o que fizesse teria de envolver necessariamente o espaço da capela, não só as duas portas interiores à direita, mas também a pia batismal e o retábulo do altar com a imagem da Nossa Senhora do Monte das Oliveiras. Depois, incorporou na pintura outros elementos cinematográficos, que achou que faziam sentido ali. Do *décor* desse filme, cujo enredo se desenvolve parcialmente numa casa apalaçada da Lombardia em Itália, do Séc. XVII, (tal como a

capela) retirou, não só vários aposentos, mas também móveis, baixelas, lareiras e outros objetos.

Questionámos a autora sobre o título da exposição face aos processos de criação adotados. Revelou-nos, que fez de conta que a capela tinha uma casa anexa (que existiu mesmo, noutras épocas) e que o próprio espaço sacro podia ser uma dependência mobilada da mesma. Ainda, sobre esta exposição, explica ter procedido a deslocações de objetos na pintura, colocando, por exemplo, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição em cima de uma cómoda na Vila Albergoni, uma imagem que nunca aparece no filme (fruto da sua pesquisa). Para esta exposição convocara, ainda, outro filme, *Pirosmani* (1969) de Giorgi Shengelaia – sobre a vida do pintor primitivista do Séc. XIX, do qual retira alguns recantos e plantas. A última tela (de um conjunto de nove) representa um quarto misto que é inspirado em espaços de ambos os filmes. Situarmo-nos numa antiga capela vazia, cheia de telas que recriam o espaço e nos obrigam a ir além do espetável, é uma sensação verdadeiramente desafiadora. Em *A Sala da Senhora* há também uma relação assumida entre espaço, cinema e pintura, e deslocações combinadas, de elementos dos filmes para o Palácio e vice-versa.

Sobre a presença da figura humana nas pinturas da exposição *A Sala da Senhora* questionamos: **Ao convocar essas figuras que tipo de foco privilegia?**

FV - Bem, as figuras femininas que aparecem nestas pinturas são acompanhadas pelos ambientes a que pertencem, nos filmes. Estes ambientes é que devem determinar a sua presença. Em alguns casos, as figuras estão a mimetizar outras personagens femininas existentes em algumas das pinturas do palácio com as quais dialogavam na primeira exposição ou a substituir, por exemplo, duas senhoras fotografadas numa festa no Palácio de São Lourenço, no início dos anos 60. São várias as intenções.

Deste conjunto de “jogos” resultam os espaços próprios de Filipa Venâncio, fruto da recriação destes nas telas, dos quais, depois, o espetador também se apropria, criando através do seu imaginário, outras vivências.

Outros aspetos sobre as produções: construção e desconstrução do ambiente observado; introdução de elementos inusitados ao espaço “retratado”. O que interessa a Venâncio, como artista, é a descontextualização, a par da apropriação, da desconstrução e da deslocação de elementos entre o espaço observado, o Cinema e as pinturas que produz, o que denota um trabalho de pesquisa e reflexão profunda sobre o trabalho a desenvolver, ao qual não é alheia a realidade que, na fase de criação, a envolve (como o recuperar de espaços abandonados na cidade do Funchal), num processo que tem muitas camadas, como se fosse um exercício de palimpsesto.

No final da entrevista abordámos alguns aspetos que, não tendo diretamente a ver com a sua obra, têm a ver com a sua postura como artista perante o trabalho que desenvolve e a sua relação com os outros, questão, que na nossa perspetiva, a distingue na abertura e recetividade que tem à reflexão sobre o seu trabalho.

GM/TND - **Que importância tem para si expor a sua obra? Trata-se apenas de a dar a conhecer ou também de uma partilha com o(a) outro(a)?**

FV - Eu gosto sobretudo de idealizar a pintura, primeiro proceder à construção mental prévia e depois avançar para a concretização física. O meu processo criativo é invariável; geralmente procedo à construção de conjuntos de pinturas sequenciais; são sempre muitas pinturas que são trabalhadas em simultâneo e que às vezes são pensadas

como possíveis narrativas. Tem vindo a ser sempre assim, exceto quando se trata de encomendas, mas também já aconteceu pintar em simultâneo para um lugar específico, como as pinturas que fiz para o Castanheiro Boutique Hotel, no Funchal, em que pintei ao mesmo tempo as imagens do biombo que está na receção e o duplo retrato dos donos (risos). Daí o meu interesse em desenvolver projetos individuais e ser avessa a coletivas. Expor faz parte, mas agrada-me, sobretudo, conversar sobre os meus trabalhos como está a acontecer agora com esta entrevista. Porque entendo que a pintura às vezes é uma atividade muito solitária, conversar sobre ela torna-a mais humana.

GM/TND - Como avalia o impacto que esta sua relação com o espaço Cinema tem junto daqueles que apreciam o seu trabalho?

FV - Apesar de considerar que estou sempre a fazer a “mesma coisa”, assumo reinventar-me a cada projeto de pintura, e esta relação de similitude que encontro entre lugares reais e lugares do cinema é um assunto que gostaria de continuar a explorar ainda mais nos próximos projetos.

GM/TND - Como imagina a sua obra objeto de estudo de colegas das Artes e Humanidades?

FV - Só posso ficar lisonjeada e feliz. Para mim a pintura é isso mesmo: é investigação, é conhecimento, é pensamento. Interessa-me ver e fazer uma pintura que faça pensar. Nesse sentido, a análise do meu trabalho pela Academia é estimulante e gratificante, como o foram as possibilidades que tive de desenvolver ensaios sobre a minha pintura e a relação desta com o cinema, nas revistas *Translocal* e *Cinema & Território*.

Com efeito, Filipa Venâncio dedicou parte da sua vida, também, ao ensino universitário, pelo que, fazer parte da Academia, numa perspetiva mais teórica, revela-se, igualmente, importante para o seu testemunho. Destaca também a relevância de ver o seu trabalho de pintura reconhecido em artigos de vários autores, como por exemplo os dois textos que João Miguel Fernandes Jorge publicou sobre a sua obra, nos livros sobre arte “Longe da Pintor da Linha Rubra” (2017) e “Estelas” (2021). Neste seu percurso, a artista fez, quase sempre, a curadoria do seu próprio trabalho, pensando as exposições de pintura como instalações, refletindo e escrevendo sobre a sua própria pintura, atribuindo-lhe uma faceta duplamente pessoal, construindo o ambiente em que pretende que o público sinta e veja o trabalho que expõe, numa partilha constante entre a sua obra e o público. Sempre trabalhou na pintura concebendo a ideia antes de a pintar, independentemente de ter ou não uma exposição marcada. Pintou em diversas dimensões, procurando sempre espaços alternativos para expor. É respeitada pelos seus pares, que também colaboram na curadoria das suas exposições. Outros há que, como nós, escreveram e escrevem sobre a sua obra. Filipa Venâncio considera que o exercício da pintura é uma atividade bastante solitária requerendo uma grande dose de recolhimento, de introspeção, de disponibilidade e de tempo e, nesse sentido, o estar em casa confinada, horas seguidas, a pintar é algo imprescindível e necessário. Acompanham-na em silêncio, observando as pinturas em primeira mão, Mia, a sua gata, e Estrela, a sua cadela. Acresce a doçura do seu sorriso, “cartão de visita” constante nas conversas que mantém entusiasticamente sobre a sua Pintura.

Pode seguir a vida e obra de Filipa Venâncio aqui: <https://www.filipavenancio.pt/>